



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de apresentação do programa Segundo Tempo e seus parceiros**

**Palácio do Planalto, 02 de outubro de 2003**

O problema de convocar pessoas para um ato à tarde é que tem sempre alguém cochilando. Apenas as crianças estão bem acordadas e animadas. Mas é assim mesmo.

Primeiro, eu quero cumprimentar o Agnelo pelo trabalho extraordinário que ele está fazendo, num Ministério que, possivelmente, seja um dos Ministérios com menos dinheiro. E você resolveu aceitar o desafio de provar que ter dinheiro é importante para fazer as coisas, mas ter criatividade e vontade de fazer, muitas vezes, vale mais do que dinheiro, que muitos não sabem utilizar corretamente.

Eu sou testemunha viva do trabalho, mas muito mais do que o trabalho, do otimismo do Agnelo. Ou seja, em nenhum momento o Agnelo reclamou, mesmo quando houve contingenciamento no orçamento, quando todos os ministros ficaram reclamando do corte do dinheiro.

Na primeira conversa que tive com o Agnelo, falei: Agnelo, você tem que fazer o que puder, com o dinheiro que você tem. E o Agnelo saiu à luta. E, se você não tivesse feito mais nada, Agnelo, se você tivesse feito apenas a parceria que fez em Feira de Santana, já teria valido a pena.

Quero agradecer a presença da Ádria Rocha, nossa medalha de ouro dos 200 metros,

Meu querido Júnior, o maior presente que você pode dar às crianças do Brasil é tentar tirar o meu time da enrascada em que ele está. Sei que a tarefa é difícil, mas estarei torcendo, porque a sua alegria será a minha alegria, o seu sofrimento será o meu.



Nosso querido prefeito Pedro Wilson,  
O nosso judoca Aurélio Miguel,  
A companheira Hortência,  
A nossa querida companheira Paula,  
Nosso companheiro Netinho,  
Nosso querido Luciano Szafir. Se baterem mais palmas para ele do que  
bateram para mim, vocês vão ser castigados na escola,  
A companheira Luiza Parente,

Agradeço a todos vocês que vieram aqui dar a sua contribuição e  
mostrar que estão fazendo alguma coisa pelas crianças brasileiras,

Eu quero dizer para vocês que não estou nem com vontade de ler isto  
aqui, porque, se eu estiver lendo e olhar para vocês e alguém estiver  
cochilando, vou ficar nervoso.

Mas quero dizer para vocês que toda vez que vejo uma criança, nos dias  
de hoje, eu me lembro que, quando eu e muitos de vocês éramos crianças,  
embora fôssemos tão pobres quanto as crianças de hoje, naquele tempo a  
gente não tinha a violência que temos hoje. A rua era nossa. Ou seja, ir para a  
rua era quase como conquistar a liberdade. A gente podia jogar bola na rua,  
bastavam duas pedras e já se fazia o gol; uma bola de meia, e já valia a pena  
jogar. A gente não tinha medo de trânsito, porque não havia muitos carros. A  
gente não tinha medo de bandido, porque não havia tanto bandido, gangue; a  
gente voltava da escola e ia para a rua, para o campo de futebol; e voltava para  
casa às seis ou sete horas da noite, inteiro, sem ter acontecido nada.

Hoje, as nossas crianças não têm essa oportunidade, seja porque todas  
as casas são feitas com grades, pois o medo toma conta das pessoas, seja  
porque não há mais o espaço nas ruas. Não temos a tranquilidade que  
tínhamos antes. Então, muitas crianças, aquelas que ainda podem, ficam na  
frente da televisão, vendo desenho animado, ou ficam na rua, sem ter muito o



que fazer.

Eu digo sempre que, naquele tempo, a gente era muito pobre, mas tinha mais liberdade. Eu, por exemplo, acho que era mais feliz do que meus filhos são hoje ou quando eram crianças, porque eu tinha o mundo aos meus pés. Eu morava na Vila Carioca. Havia tantos campos de futebol na Vila Carioca que a gente podia escolher o campo que queria jogar, a hora que queria jogar. Meus filhos não têm. Se quiserem jogar têm que ficar sócios de um clube e pagar uma mensalidade ou alugar uma quadra de futebol “society” para poder jogar uma hora.

Então, fico pensando nos milhões de crianças que não podem pagar, dos pais que têm vontade de colocar os filhos para praticar algum esporte e não podem. E, às vezes, próximo à casa da pessoa tem um belo clube que fica fechado de segunda à sexta. E as crianças, do lado de fora, sem ter onde brincar.

Mais tarde, fui diretor do sindicato de São Bernardo, que era uma cidade mais evoluída, rica, e tinha muito campo de várzea. Eu sempre me questionava porque aqueles campos ficavam fechados de segunda à sexta, com cadeado. Só abriam no domingo para um jogo pela manhã ou à tarde ou, às vezes, quando jogava um veterano, no sábado à tarde. E, do lado de fora, centenas de pessoas querendo um espaço para brincar, um espaço para fazer ginástica, um espaço para praticar um esporte. As crianças jogando na rua e o campo fechado. Eu nunca consegui entender porque que esses lugares não eram abertos para que as pessoas pudessem utilizar. E que se formasse mais professores de educação física, que se contratasse, que se colocasse esses professores para tomar conta dessa meninada e, como disse o nosso querido Zeca Pagodinho: “deixar a vida rolar, deixar a vida levar as pessoas.”

Eu acho que muitas vezes a institucionalidade dificulta a vida das pessoas. Eu me convenci, antes e depois das eleições, que os graves problemas que o Brasil tem na área da cultura, do esporte, da educação, não



serão resolvidos pelo institucional. Se a gente for esperar que no orçamento da União, do estado ou do município sobre o dinheiro que precisamos para fazer os investimentos nesta área, eu não acredito que a gente resolva isto em 40 ou 50 anos. Eu acredito que se nós tivermos competência de mexer com a mente e com os corações de mulheres e homens deste país, de empresários e empresárias para que entrem nessa jogada e participem dando aquilo que podem dar, nós poderemos, com muito mais rapidez, resolver esses problemas: o problema da fome, da educação, o problema do esporte, do lazer, da cultura.

Eu, muitas vezes, para não atrapalhar o trânsito de Brasília, vou para o aeroporto de helicóptero. Eu nunca vi tanta piscina na minha vida como em Brasília, sem nenhuma pessoa, porque aqui quando faz 20 graus as pessoas já acham que está frio. Nós, lá em Garanhuns, quando faz três graus abaixo de zero, a gente acha que ainda está calor. Então, eu fico pensando: meu Deus do céu, não é possível tanta gente com espaço e tantas crianças sem ter o que fazer. Crianças que nascem, ficam adolescentes, adultos, e nunca entraram numa piscina. Às vezes, nunca entraram num clube, porque o poder público não lhes deu essa oportunidade. E a sociedade pode dar.

Certo dia, eu conversei com o meu companheiro Agnelo: Agnelo, aqui, em Brasília, nós temos o Clube do Congresso Nacional – um grande clube; temos o clube do Banco do Brasil, também um grande clube; temos o clube da Caixa Econômica Federal, dois clubes do Exército, dois clubes da Marinha, dois clubes da Aeronáutica, o clube do Itamaraty; e deve haver muitos outros clubes espalhados por esta cidade. Eu falei para o Agnelo: não é possível que a gente não consiga sensibilizar as pessoas para que esses espaços possam ser abertos para a comunidade, durante a semana.

Conversei com o companheiro Viegas, ministro da Defesa. O Agnelo conversou com o Viegas e as Forças Armadas não vacilaram um minuto: ao serem contactados, não apenas os clubes de Brasília, mas todos os espaços



que eles têm no Brasil inteiro estão colocados à disposição para serem utilizados pelas crianças brasileiras, no tempo disponível.

E outras instituições como o Sesi, o Sesc, em nenhum momento se recusaram a participar. Vamos abrir e criar um espaço para essa meninada ter uma oportunidade. Vamos tirá-los da rua. Vamos competir com o narcotráfico, com o crime organizado e vamos ganhar esse jogo. Vamos dar a essas crianças uma oportunidade.

A gente percebe que existem pessoas que estão dispostas a fazer isso.

Vejam como são construídas as escolas no Brasil. As escolas no Brasil são como uma caixa de fósforos. É um quadrado de cimento armado onde, quando muito, tem uma quadra de basquete ou futebol de salão, mas sem rede ou cesta. Então, é preciso mudar conceitualmente o tipo de escola que fazemos, o tipo de espaço, para dar a essas crianças a oportunidade que somente a sociedade pode garantir.

O Estado pode ser o indutor, mas a sociedade tem que chamar para si a responsabilidade de ajudar, de fazer as coisas acontecerem. Temos clubes fantásticos – Corinthians, Palmeiras, Flamengo, Botafogo, Vasco da Gama, Fluminense, Cruzeiro, Atlético Mineiro, Bahia, Vitória, e todos esses times têm praça de esporte, campos, um lugar de treinamento. Não é possível que essas pessoas não cedam isso durante dois ou três dias por semana, para a gente encher aquilo de menino, para eles poderem correr até se cansarem e, depois, dormirem tranquilos, sem vontade de ficar na rua, fazendo qualquer peraltice.

Isso é possível. É plenamente possível.

Nós temos prefeituras por este país afora que têm ginásios extraordinários de basquete, quadras de futebol de salão, e não são utilizados por ninguém. Ficam fechados com um cadeado e um guarda para tomar conta, quando deveriam estar abertos.

E essas crianças não vão estragar absolutamente nada. E nós nos comprometemos a dar a bola e o uniforme para as crianças, para que ninguém



gaste nada.

É possível fazer isso. E você, Agnelo, está dando a demonstração de que a falta de dinheiro é apenas um problema, mas que pode ser superado, quando a sociedade se engaja.

E não queremos dar essa oportunidade para as crianças pensando numa medalha de ouro. Obviamente, Deus queira que todo mundo tenha a oportunidade de disputar e ganhar uma medalha de ouro, uma Copa do Mundo. É maravilhoso. Isso pode acontecer. Mas o ideal, o objetivo principal é pensar na qualidade de vida dessas crianças, na qualidade da educação dessas crianças e na oportunidade que essas crianças estão tendo.

Uma vez, Marisa e eu estávamos fazendo uma caravana na Amazônia. Nós estávamos no rio Amazonas e paramos numa comunidade. Naquela comunidade, um menino disse que queria tocar rebeca – que é o violino para nós – uma rebequinha, acho que construída de mogno, bem feita. E ele tocou tão bonito! Eu saí e falei com a Marisa: será que um Beethoven não nasceu assim?. Se essa criança tivesse a oportunidade de ir para uma escola, será que essa criança não poderia se tornar um músico extraordinário, um artista fantástico? Mas, se não tiver oportunidade, vai terminar sendo um pescador. Não que a função de pescador seja menor, mas é porque ele não teve a oportunidade. E essas crianças precisam apenas disso. Essas crianças precisam, desde pequenas, saber que têm um enorme espaço para que possam descobrir a atividade que elas quiserem. Porque se elas praticarem esporte, elas vão estudar mais. Elas vão levantar de manhã com vontade de ir para a escola, com vontade de fazer as suas tarefas. Serão mais obedientes dentro de casa com a família.

E o que nós precisamos fazer? Apenas dizer para vocês: meus amigos e minhas amigas, eu acho que nós temos a oportunidade de fazer uma revolução silenciosa neste país. A revolução da oportunidade. Temos que parar de reclamar: “não, mas o prefeito não faz, o governador não faz, o Presidente não



faz, o ministro não faz”. Nós fomos transformados numa sociedade de dependentes. Nós temos um mundo para dar, mas achamos que não é conosco, que é com o outro e não fazemos nada.

Eu quero utilizar o meu tempo de mandato para provocar a sociedade brasileira a se transformar na sociedade mais solidária do planeta Terra, mais solidária da história da humanidade. Nós temos vocação para isso, nós temos alma para isso, a nossa gente é de uma grandeza extraordinária, as pessoas só precisam ser provocadas, animadas. Imaginem se todo mundo neste país fizesse como faz uma Viviane Senna, de dedicar parte da sua vida a procurar parceiros para fazer coisas boas para os outros, como muitos de vocês aqui. Eu acho que nós poderemos mudar a história do país sem dinheiro. Porque tem muita gente que fala tanto de dinheiro que, às vezes, eu fico pensando que tem gente que só ficaria bem governando um país com o PIB dos Estados Unidos e do tamanho da Ilha de Marajó. Ou seja, se você tem mais dinheiro do que precisa, é fácil fazer as coisas. Duro é uma mulher e três filhos mais o marido sobreviverem com 240 reais por mês. E sobrevivem. Eu sei que esta gente aqui nasceu numa situação de pobreza muito grande, e depois ficou importante, ganhou dinheiro. Uns se perdem pelo mundo e acham que as conquistas materiais são tudo na vida. Outros fazem como vocês, ficam famosos, alguns ficam ricos. Mas nem todos, porque não é todo esporte que permite que se ganhe dinheiro. Certamente, o Júnior ganhou mais do que eu, que não saí da várzea. Mas o que é importante é que vocês cresceram não apenas profissionalmente, financeiramente, também cresceram a alma e o coração de vocês.

Eu acho que é disso que o Brasil precisa e é o que estas crianças estão aqui hoje para dizer: obrigado Brasil solidário, porque nós vamos provar que o que faltava no Brasil não era dinheiro, faltava compromisso político de fazer as coisas que vocês estão fazendo hoje.

Muito obrigado, meus amigos e minhas amigas.



**Presidência da República**  
**Secretaria de Imprensa e Divulgação**  
**Discurso do Presidente da República**

---